



Academia Planaltinense de Letras, Artes e Ciências – APLAC

www.aplaculturadf.blogspot.com - www.facebook.com/apldf

www.aplacdf.com.br

RIMA-DF

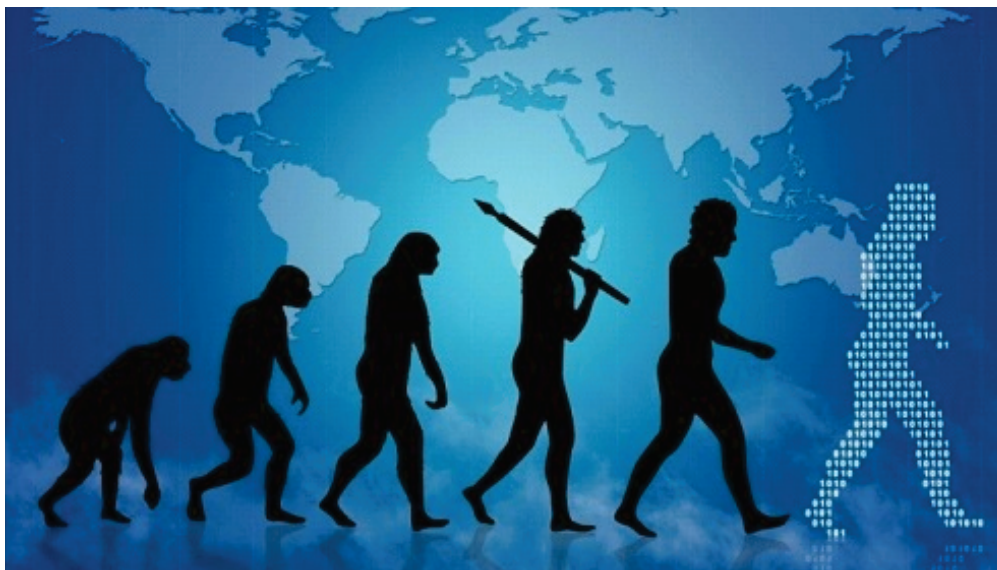
Repórter Intercultural Mestre d'Armas Brasiliense

Ano XV - nº 53

Planaltina-DF

janeiro/março - 2025

O que nos tornou humanos?



A evolução presente no ramo dos primatas levou ao surgimento dos primeiros hominídeos e, numa sucessão ainda cheia de lacunas, foram ganhando 'experiências' que fracassaram ou foram superadas por novos grupos humanos e, ao final, restando no mundo apenas o homo sapiens. É evidente para a resposta biológica que a extinção dos demais humanos contou, também, com questões relativas ao ambiente (glaciações, desertificação, mudanças no clima da Terra...) e com a ação do próprio sapiens dominando territórios anteriormente usados por outros humanos. (*William Cesar de Andrade*, página 2)

O que é um cordel?

A literatura de cordel é um gênero literário caracterizado por versos rimados, escritos principalmente na forma de sextilhas (estrofes de seis versos). Sua principal característica é a linguagem popular. As poesias contam histórias de aventura e amor, fazem críticas sociais e até humor. Os três elementos da poética do cordel são a métrica, rima e oração. Essa expressão cultural popular não abrange apenas os textos, mas também a música e a ilustração. (...) Foi trazida ao Brasil pelos portugueses no século 19 e se consolidou na região Nordeste. (*Ludmila Ferreira*, página 3)

Estrutura e funcionamento do Sistema de Educação no Brasil

A LDB define os princípios e as normas gerais que orientam a educação no Brasil, incluindo aspectos como a estrutura curricular, a carga horária, a formação de professores, a avaliação e outros elementos essenciais para o funcionamento do sistema educacional. Essa lei é revisada periodicamente para se adaptar às mudanças sociais e educacionais, garantindo sua relevância ao longo do tempo. (Instituto Ayrton Senna, página 6)



21 de Março

**Dia
Mundial
da
Poesia**



ARTIGOS

Editorial

Caríssimos leitores,

Algumas vezes foi dito aqui que a "Academia Planaltinense de Letras, Artes e Ciências não mais é apenas um sonho, mas sim uma realidade palpável e fecunda que veio para ficar; e prova disso são os inúmeros trabalhos que a APLAC e alguns dos seus acadêmicos vêm desenvolvendo."

Ao longo dos seus 26 anos de existência, a APLAC organizou e desenvolveu inúmeros projetos solos e em parceria com alguns organismos públicos e Coletivos Culturais da cidade, dentre os quais a publicação de seis Antologias Poéticas (*Momento literário de Planaltina/1999*; *Sonhos e saudades na abertura do III milênio/2000*; *Palavras, sentimento e paz/2002, 2º Momento literário de Planaltina: Uma viagem onírica/2009, A musa debutante: 15 anos navegando em Águas Emendadas/2013 e Vereda Grande: 25 léguas num sonho/2023*), a promoção de vários Saraus de Música e Poesia e algumas apresentações Teatrais.

Em 2010, a APLAC lançou este informativo (com edições trimestrais), que à época intitulava-se **Planaltina em Letras**. No ano seguinte, em parceria com a *Regional de Ensino* e a *Administração Regional de Planaltina*, promoveu o **I Concurso Artístico e Literário "Planaltina, Um Novo Olhar: Orgulho pelo Passado e Compromisso com o Futuro"**, alusivo aos 152 anos de Planaltina e destinado aos alunos das escolas públicas da cidade. Em 2019, organizou e desenvolveu, em 17 escolas públicas de Planaltina, no IFB e na FUP/UnB, o projeto **Sarau LABUTA**; entre 2018 e 2020 organizou o projeto que resultou no livro "Miragens Flutuantes", coletânea de textos e desenhos de estudantes de onze escolas públicas em homenagem aos 50 anos da Estação Ecológica de Águas Emendadas; e em 2022, em parceria com o *Coletivo Nativo*, organizou e realizou o projeto "100 anos da Pedra Fundamental: Patrimônio e Memória".

Que em 2025 possamos fazer novas parcerias e realizar novos projetos!

Expediente

Informativo da Academia Planaltinense de Letras, Artes e Ciências
CNPJ 04.233.816/0001-16

Diretoria da APLAC

Joésio Menezes (Presidente), Tamara Naiz (Vice-Presidente), Silvano Colli (Secretário Geral), Bárbara Santiago (Diretora Financeira), Muna Ahmad Yousef (Diretora Cultural) e Xiko Mendes (Corregedor Estatutário Institucional)

Editor: Joésio Menezes

Jornalista Colaboradora: Aline Menezes

Redação: Coletiva

Revisão: Joésio Menezes

Diagramação: Antonio Júnior

Impressão: Gráfica Planaltina

Tiragem: 1000 exemplares

Contatos: aplacdf@gmail.com

Joésio Menezes (98424.3347) e Xiko Mendes (99214.0793)

**Não nos responsabilizamos
por matérias assinadas**

O que nos tornou humanos?

por William Cesar de Andrade*



O que nos tornou o ser humano – o *homo sapiens* – que somos?... Não é uma questão de fácil resposta. Aliás, como quase tudo que tem importância na vida. Do mesmo modo, também, não se esgota numa única resposta ou definição. Nossa humanidade é objeto de 'estudo', 'reflexão' e 'conhecimento' dos mais diversos campos do saber.

A resposta mais antiga, e que segue a mais amplamente aceita, é a religiosa. Deus, deuses, seres ou entes espirituais estão na origem de tudo o que existe, e o ser humano é parte de tudo o que foi criado. O ato criador é representado de inúmeras formas: moldado com barro, lama, a massa do milho cozida, as lágrimas de um deus etc.

Em algumas narrativas mitológicas, o ser humano é apenas um escravo, servidor das divindades; em outras – como por exemplo a judaico-cristã-islâmica –, somos o que de melhor Deus criou e a quem Ele destinou o usufruto do que existe. Nesta 'versão' criacionista o humano 'é pouco menor que as estrelas'; ele carrega em sua alma/espírito a 'imagem e semelhança de Deus'.

Existem outras explicações, também de fundo mítico-religioso, em que o humano e sua existência é parte de uma natureza sempre em movimento, em devir, e nossa essência pouco se diferencia da uma pedra, planta ou outro animal.

No horizonte religioso, o humano 'sempre' terá suas respostas existenciais no sagrado, seja ele visto como retorno à plenitude de uma vida eterna, seja nas reencarnações sucessivas ou outra forma de junção com o sobrenatural. É um ato de fé, e não se iluda!... isso é racional, mas de uma lógica que não está na chamada Ciência Moderna. É uma crença tão profunda que emoções, sentimentos, utopias, esperanças e sonhos a fundamentam e a sustentam.

Para o conhecimento moderno – com pouco mais de 400 anos – a busca pelo que nos tornou humanos também gerou explicações 'científicas' diversas e não está estabelecido um consenso. Existem aqueles que buscam na biologia o que nos tornou humanos; e, aqui, a paleontologia vem construindo hipóteses: o polegar oposto, o tamanho e as divisões internas em nosso cérebro, o andar ereto, os órgãos relacionados à capacidade de falar/comunicar-se etc.

A evolução presente no ramo dos primatas levou ao surgimento dos primeiros hominídeos e, numa sucessão ainda cheia de lacunas, foram surgindo 'experiências' que fracassaram ou foram superadas por novos grupos humanos e, ao final, restando no mundo apenas o *homo sapiens*. É evidente para a resposta biológica que a extinção dos demais humanos contou, também, com questões relativas ao ambiente (glaciações, desertificação, mudanças no clima da Terra...) e, a ação do próprio *sapiens* dominando territórios anteriormente usados por outros humanos.

Nesse horizonte, não existe intencionalidade ou ação divina a determinar o que e como um ser se tornou humano. Tudo está vinculado à matéria em seu perpétuo movimento de fusão de elementos minerais e orgânicos. Na teia evolutiva, as mutações, por adaptações ou mesmo a partir do acaso, constituem o tecido da vida... o que funcionou e tornou-se hereditariedade, vai adiante. O que resultou inadequado e pouco viável, rapidamente desaparece. Em termos biológicos, isso pode significar décadas, centenas, milhares ou até mesmo milhões de anos.

Em minha leiga opinião, o que nos fez humanos foi a capacidade de colaboração de uns para com os outros. Junção de esforços para, inicialmente, assegurar nossa continuidade como espécie. Cuidados especiais na gravidez e nos primeiros anos de vida da criança tinham prioridade e recaíam sobre todo o coletivo. Isso explica, pelo menos em parte, a existência de famílias extensas (pais, tios, avós, primos...) e o surgimento dos clãs. Colaboração que está na origem do desenvolvimento da linguagem e, da transmissão da memória e identidade do grupo; fundamental, também, para qualquer avanço tecnológico: o domínio do fogo, a manipulação de metais, a invenção da roda, a domesticação de plantas e animais, a fabricação de utensílios e ferramentas em geral, o desenvolvimento de armas, diques etc.

Não foi a competição a matriz de nossa humanidade. Pelo contrário, ela só se torna relevante quando inventamos os 'esportes', o 'treinamento' para a guerra e, em alguns casos, como caminho de acesso ao poder. Só recentemente, em termos humanos, a exacerbação do individualismo e suas inúmeras formas de capacitismo fizeram disso uma 'necessidade', um caminho obrigatório para quem deseja ser um vencedor. Considerando a condição humana ao criar as religiões em geral e o progresso científico e tecnológico, entendo que tudo só funciona de modo eficaz se tiverem como premissa a colaboração.

Nas religiões, em geral, a salvação e/ou o encontro com o sagrado é, na maioria das vezes, pensado como algo coletivo. Na tradição judaico-cristã temos a figura do povo de Deus e, em Jesus, o anúncio e a busca permanente do reinado dos céus/de Deus. Tudo isso é comunitário e coletivo. O indivíduo aqui é um elo em uma extensa corrente. O culto a uma divindade e a perspectiva de um céu privado/particular é invenção recente, que está, a meu ver, fadado ao fracasso.

A ciência só evoluiu se o conhecimento atual for questionado e suplantado por novas 'descobertas' ou melhoramentos no que já existia. Qualquer inovação/invenção humana (tecnologia, cura de doenças, genética, informática...) carrega o protagonismo de centenas ou até mesmo milhares de pessoas que coletivamente foram produzindo pequenos avanços.

É claro que não estou falando aqui do discurso empresarial atual, que ao explorar os trabalhadores, utiliza o termo colaborador para incentivar a 'fidelidade' e a produtividade do empregado. Esse discurso fajuto de RH, de metas a serem batidas e acenos quase sempre ilusórios de promoção individual, sequer se aproxima da ideia de colaboração aqui descrita.

Feita essa ressalva, bem-vindo ao mundo coletivo e colaborativo, pois é nele que está – e sempre esteve – a nossa humanidade!

* *William Cesar* é professor da rede pública de ensino do DF (SEE/DF)

O que é um cordel?

por *Ludmila Ferreira*,
In guiadoestudante.abril.com.br

Popular principalmente na região Nordeste, a Literatura de Cordel chegou ao Brasil com a colonização portuguesa. Mas muita gente ainda sabe pouco sobre esse gênero literário. Em setembro de 2018, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) reconheceu a literatura de cordel como *Patrimônio Cultural do Brasil* e a registrou no Livro das Formas de Expressão.

O que é a literatura de cordel?

A literatura de cordel é um gênero literário caracterizado por versos rimados, escritos principalmente na forma de sextilhas (estrofes de seis versos). Sua principal característica é a linguagem popular. As poesias contam histórias de aventura, amor, fazem críticas sociais e até humor. Os três elementos da poética do cordel são a métrica, rima e oração.

Essa expressão cultural popular não abrange apenas os textos, mas também a música e a ilustração. Costuma ser acompanhado de xilogravura, uma técnica de ilustração feita em madeira e "carimbada" no papel. Foi trazida ao Brasil pelos portugueses no século 19 e se consolidou na região Nordeste. Ganhou identidade própria ao misturar influências europeias, indígenas e africanas.

A literatura de cordel vai além de uma expressão artística: é também ofício de diversos artistas cordelistas. Trata-se de uma forma de poesia para contar histórias do povo, narrar acontecimentos e transmitir tradições.

Quem são os principais autores da literatura de cordel?

A literatura de cordel brasileira conta com uma grande lista de expoentes, sendo o mais conhecido e antigo deles **Leandro Gomes de Barros** (1865–1918). Natural de Pombal, Pernambuco, é considerado o primeiro escritor brasileiro de literatura de cordel e foi autor de aproximadamente 240 obras.

Outros cordelistas famosos são:

1. **João Martins de Athayde** (1880–1959): escritor, poeta, cordelista e editor brasileiro, natural de Ingá, Paraíba. Nascido em 24 de junho de 1880, foi um dos autores que mais contribuíram para a divulgação da literatura de cordel no Brasil no século 20;
2. **João Ferreira de Lima** (1902–1972): poeta e astrólogo brasileiro, nascido em São José do Egito, Pernambuco. Autor do "Almanaque de Pernambuco", lançado em 1936;
3. **Patativa do Assaré** (Antônio Gonçalves da Silva) (1909–2002): foi um poeta, compositor e cantor brasileiro, nascido em Assaré, Ceará. Um dos principais representantes da arte popular nordestina do século 20;
4. **Gonçalo Ferreira da Silva** (1937–2022): poeta, contista, ensaísta e cordelista brasileiro, natural de Ipu, Ceará. Autor de extensa obra em literatura de cordel, com mais de 300 livretos, fundou a Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), localizada no Rio de Janeiro, da qual foi presidente no período de 1988 a 1996.

A literatura de cordel, porém, não fica apenas na história. Existem alguns autores e autoras que estão fazendo esta literatura nos dias de hoje. Entre elas estão **Jarid Arraes**, escritora de Juazeiro do Norte, Ceará, **Izabel Nascimento**, autora de Aracaju, Sergipe, e **Mari Bigio**, cordelista de Recife, Pernambuco.

A literatura de cordel no Enem

A literatura de cordel já apareceu no "vestibular" mais importante do Brasil, o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio). As edições de 2011, 2013 e 2014 testaram os conhecimentos dos estudantes a respeito do gênero.

LITERATURA PLANALTINENSE



Um dedo de prosa

MINHA RIDÍCULA IDEIA DE NUNCA MAIS TE VER

(Aline Menezes)*



"Quando alguém com quem você conviveu por muito tempo morre, não é só você que é afetado de maneira indelével, mas o mundo inteiro fica tingido, manchado, marcado por um mapa de lugares e costumes que servem de disparador para a evocação, muitas vezes com resultados tão devastadores quanto a explosão de uma bomba", escreveu a jornalista e escritora espanhola

Rosa Montero, no livro "A ridícula ideia de nunca mais te ver" (Todavia, 2019, p. 80, trad. Mariana Sanches). Na obra, a autora fala de sua experiência de luto pela morte de seu marido, companheiro durante 21 anos, e da tentativa de superar a dor de tê-lo perdido.

Há muitas experiências que nos conectam imediatamente uns aos outros. A morte de alguém importante para nós é uma delas, seja marido, esposa, pai, mãe, filho, irmão ou um amigo, como era o caso de Rodrigo. Era ele quem, nos últimos anos, mantinha-se presente em todos os momentos — fossem bons ou ruins — da minha vida. Diariamente, em casa, minhas irmãs e eu falamos sobre ele. Não há nada que façamos de mais comum entre nós, como ouvir música, ver filmes, assistir a capítulos de novelas antigas, ler livros, discutir psicanálise, filosofia, política, literatura, concursos públicos, que não mencionemos a falta que ele tem nos feito.

Para mim, particularmente, tem sido a dor mais difícil de superar. Por isso mesmo, após a morte de Rodrigo, em 20 de junho de 2024, passei a escrever sobre o luto e a compartilhar imagens de nossa amizade ou do nosso amor. Em uma de minhas recordações, por exemplo, Rodrigo e eu estávamos numa festa junina da instituição onde eu trabalhava. Não fazíamos ideia de que, um ano depois, estaríamos juntos num quarto de UTI. E eu estaria aqui, sentindo-me um tanto quanto perdida, mas certa de que, em relação ao luto que vivo: "É preciso fazer algo com tudo isso para que não nos destrua, com todo esse clamor desesperado, com o interminável desperdício, a furiosa dor de viver quando a vida é tão cruel" (p. 106).

* Aline Menezes é jornalista e autora literária de crônicas, contos e poemas.



Soltando os Versos

AMBIÇÃO

(Mariana Branco)*

Persigo essa ambição
louca, possível,
essa fantasia às avessas
de inverossimilhança crível:
Deixar-te ser exatamente quem és
e amar-te da melhor forma que souber.
E tu, em troca, — olha o delírio que meu
coração criou — gostarás de mim
assim mesmo como sou.

* Mariana Branco é jornalista, autora do livro de poemas "Mais uma na multidão" (Minimalismos, 2024)

POESIAS E OUTROS ESCRITOS

Semana Cultural 2024 – Dia da Consciência Negra
CEF 02, Arapoanga/DF

RACISMO

(Henrique Ribeiro, 7ºD)

Racismo é sombra que insiste em ficar,
Mancha invisível, mas fácil de notar,
Peso imposto que não veem,
Mas nos olhos de quem sente,
O mundo é desdém,
É cor que se torna fardo e prisão,
É julgamento antes da ação,
É mão que aponta um dedo cruel
Cortando a pele em vez de papel.
Na pele escrava mora a história,
Séculos de luta, dor e vitória;
Em cada tom, um grito de resistência
Pedindo respeito, igualdade, decência...
E que o futuro ouça e veja bem,
Não há cor que se torne refém.
O sonho é um só: liberdade e amor,
Sem diferenças de raça ou cor.

A CONSCIÊNCIA NEGRA

(Davi Barbosa, 7ºD)

No alto da serra, um grito ecoou
Zumbi dos Palmares a liberdade sonhou
Lutador valente, com força e fervor.
Em cada batalha, ele trouxe amor.
Nas matas verdes, o quilombo a brilhar
Um sonho de paz para ficar
Com coragem e honra, seu povo unido
Contra a agressão, sua voz não se calou.
Zumbi é o símbolo da luta e da fé,
Um legado eterno.

TODO NEGRO TEM UMA VIDA

(Matheus Costa, 7ºD)

Todo negro tem uma paixão
 Todo negro tem uma emoção
 Todo negro tem uma vida
 Vivendo para o amanhã.
 A tristeza mora lá dentro
 Destruindo os seus sentimentos
 No "trampo", a 300 por hora
 Quando chega em casa, senta e chora.
 O preconceito me faz andar de ré
 Mesmo assim continuo tendo fé
 Aqui jogo no *hard*
 O ritmo intenso não para.
 Enquanto a cor da pele for mais relevante
 Que o brilho nos olhos, haverá insanidade
 Eles não podem parar de confrontar
 Não recuar, mas atacar!

SEGUIREMOS SEMPRE UNIDOS

(Hyasmin Reis e Anna Klara, 7ºD)

No vento da história, uma data se ergue: 20 de novembro, data que sempre se repete.

Dia da consciência negra, um grito que surge, pela igualdade, justiça e liberdade que alcança a liderança dos ancestrais africanos, herança tão rica herdamos, trazida pela escravidão.

Uma ferida tão profunda no coração.

Nesse dia, celebramos a cultura negra, sua força e beleza. Da música ao sabor da dança ao autor, respeitem nossa cor!

Todos que lutaram contra o racismo, passaram; pela cor da igualdade, marcas de chicote ficaram.

Que a o Dia da Consciência Negra ilumine nossos caminhos e nos traga justiça e respeito. Pela vida, nós seguiremos sempre unidos!

MESMO ASSIM, LUTAREMOS!

(Vitória Ferreira Amorim, 7ºD)

O negro sofre racismo
 Isso não tem perdão
 Mas mesmo assim lutaremos
 Pela nossa união.
 De um negro guerreiro
 Um líder quilombola
 Que deixou a escola
 Força do negro brasileiro
 Sua valentia e coragem
 De luta e otimismo.
 Anos já se passaram
 Não terminaram...
 Eita, negro,
 Quem foi que disse
 Que a gente não é gente?
 Quem é esse demente
 Que o coração não sente?



A RESISTÊNCIA É FORÇA DA NOSSA UNIÃO

(Sara, 7º D)

Em cada passo, uma história a contar,
 De lutas e conquistas que nos fazem brilhar.
 A força ancestral é o que nos guia e inspira.
 Na dança da vida, a alma delira.
 Celebramos a cor, que é nossa identidade,
 Um legado profundo de diversidade,
 Das vozes silenciadas agora a ressoar.
 No ritmo do samba, vamos nos levantar.
 Cores vibrantes em um só coração
 Unindo culturas numa só canção.
 A resistência é força da nossa união.
 Que o dia da consciência negra venha iluminar
 Os caminhos da paz que queremos trilhar.
 Com orgulho e amor, juntos vamos cantar
 A beleza da vida que vem nos abraçar!

NEGRO VAGALUME

(Amanda, Júlia, Aisla e Yasmin, 7ºD)

Primeiro, o negro sofre com o racismo, gera desunião. Isso não tem perdão! Mesmo assim, continua lutando pela união, e quando chegar ao fim fará uma canção sobre a discriminação e a desunião.

Não é só porque eu tenho cabelo afro e a pele negra que eu não tenho coração e compaixão. Mesmo eu sofrendo nessa ilusão, eu sei brilhar como um vagalume na escuridão. E mesmo eu sendo um vagalume, muitas vezes eu não posso brilhar, pois tenho que deixar outras pessoas sonharem.

Às vezes eu me peço deitado na escuridão, pensando como é difícil ser um negro nessa multidão. Vocês acham que é fácil ser um negro hoje em dia?

Muitas vezes eu não consigo colocar arroz e feijão no prato da minha família!



Dia Mundial

da Poesia

21 de março

EDUCAÇÃO EM DEBATE

Estrutura e funcionamento do sistema de educação no Brasil

Fonte: *institutoayrtonsenna.org.br*

A educação brasileira é um tema essencial que reflete não apenas a história do país, mas também os desafios e avanços ao longo dos anos. Neste artigo, exploraremos como funciona o sistema educacional no Brasil, destacando regras importantes, os problemas enfrentados atualmente, programas inovadores e como a tecnologia pode influenciar.

Ao olharmos para a educação no Brasil, é fundamental entender como o sistema está organizado. Queremos destacar as leis e regulamentos que moldam as práticas educacionais em todo o país, fornecendo uma base legal para o ensino.

No presente, enfrentamos desafios significativos em termos de aprendizado. Examinaremos dados sobre alfabetização, conclusão do Ensino Médio e desempenho dos alunos. Essas informações nos ajudarão a compreender as lacunas existentes e a desenvolver estratégias para superá-las.

Falando em superação, abordaremos programas que têm buscado melhorar a qualidade da educação brasileira. Discutiremos também como a tecnologia pode influenciar o ensino e a aprendizagem.

Destacaremos, ainda, as diferenças entre o sistema educacional brasileiro e o de outros países, proporcionando uma compreensão mais ampla das práticas educacionais no mundo.

A educação brasileira é organizada em diferentes etapas, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior. É muito importante entender como cada parte desse sistema se encaixa para avaliar se a organização está funcionando bem na totalidade.

Começando pela Educação Infantil, onde os alunos têm as suas primeiras experiências escolares, passando pelo Ensino Fundamental, que é quando consolidamos o que aprendemos, até chegar ao Ensino Médio, uma etapa mais aprofundada e que nos prepara para o Ensino Superior ou uma carreira profissional. Cada uma dessas etapas tem suas próprias características e desafios, contribuindo para os indivíduos chegarem à fase adulta com as ferramentas e habilidades para uma vida plena.

Entender como a educação funciona no Brasil não é só analisar cada desafio ou etapa de ensino em separado, mas também pensar em como o aprendizado está acontecendo. Para sustentar esse sistema educacional, existem diversos marcos regulatórios fundamentais. Veja a seguir.

PRINCIPAIS MARCOS REGULATÓRIOS DA EDUCAÇÃO NACIONAL:

Após a redemocratização do Brasil, foram estabelecidas regras importantes para estruturar a educação no país e organizar as escolas. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 é uma dessas regras fundamentais.

A LDB define os princípios e as normas gerais que orientam a educação no Brasil, incluindo aspectos como a estrutura curricular, a carga horária, a formação de professores, a avaliação e outros elementos essenciais para o funcionamento do sistema educacional. Essa lei é revisada periodicamente para se adaptar às mudanças sociais e educacionais, garantindo sua relevância ao longo do tempo.

Além da LDB, existem outras normas essenciais que orientam a educação no Brasil, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o Plano Nacional de Educação (PNE) e o Novo Ensino Médio (em discussão no momento). Cada uma dessas regulamentações desempenha um papel importante na organização e gestão das escolas, influenciando diretamente o processo de aprendizagem e decisões dos professores e gestores escolares.

Essas regulamentações são como guias essenciais para orientar a educação no Brasil, cada uma contribuindo de maneira única para o aprimoramento do sistema educacional do país.

O PAPEL DAS ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA:

Na análise do cenário da educação brasileira, é essencial ressaltar a significativa influência de organizações não governamentais (ONGs), com destaque para o Instituto Ayrton Senna. Conhecido por sua atuação proativa, o Instituto representa um exemplo do comprometimento das ONGs em fortalecer e aprimorar o sistema educacional.

A colaboração entre o setor público e o Instituto Ayrton Senna, assim como outras ONGs, diversifica as oportunidades de educação e desenvolvimento para estudantes de todo o país. Além disso, desempenha um papel crucial na oferta de programas de capacitação, fornecimento de materiais educativos e no desenvolvimento de iniciativas inovadoras.

Reconhecendo e valorizando essas parcerias, compreendemos que as organizações sociais são fundamentais para o avanço e aprimoramento contínuo da educação no Brasil. Conheça mais sobre o Instituto Ayrton Senna e suas iniciativas.

PRINCIPAIS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA:

Uma mulher está ensinando uma turma de crianças em uma sala de aula, oferecendo educação por meio do sistema educacional brasileiro.

A educação brasileira enfrenta desafios significativos em várias frentes. Desde a baixa qualidade da alfabetização até a conclusão do Ensino Médio, o sistema educacional lida com obstáculos que demandam atenção e soluções práticas.

A falta de qualidade na alfabetização é um desafio crucial, impactando diretamente a capacidade das pessoas de participarem plenamente na sociedade. Adicionalmente, a questão da não conclusão do Ensino Médio destaca lacunas no percurso educacional, evidenciando a urgência de abordagens mais eficazes para manter os estudantes na escola até o final.

Os dados do relatório do censo 2022, revelam uma realidade preocupante de abandono escolar que afeta muitos jovens no Brasil. Quase 70 milhões de brasileiros de 18 anos ou mais estão fora da escola ou não concluíram a educação básica.

Aproximadamente um terço dos jovens de 15 anos continua no Ensino Fundamental, quando já deveriam ter progredido para o Ensino Médio. Ainda segundo a OCDE, um quarto dos jovens brasileiros entre 18 e 24 anos não está envolvido em atividades de estudo ou trabalho. Esses números ressaltam a necessidade de estratégias educacionais mais eficazes para combater o abandono escolar e promover um percurso educacional mais completo e bem-sucedido.

Entender onde a educação precisa melhorar, como na leitura e matemática, é fundamental. Por exemplo, muitos alunos no Brasil têm dificuldades em matemática, o que é um grande problema. Dados do SAEB, (Sistema de Avaliação da Educação Básica), de 2022 revelou que somente 5% dos jovens brasileiros concluem o Ensino Médio com aprendizado adequado na disciplina, por exemplo.

Outro problema é que mais professores estão sendo formados online, mas a qualidade dessa formação está piorando. Dados do Todos Pela Educação mostram que 65% dos concluintes em formação inicial docente cursaram Educação a Distância (EaD), e as notas na maioria dos cursos de graduação nessa área estão diminuindo no Brasil. Em 2022, pelo menos seis em cada dez concluintes dos cursos de licenciaturas se formaram pela Educação a Distância, um índice muito acima de outras graduações.

PROPOSTAS PARA MELHORIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA:

A busca por uma educação de qualidade é um desafio constante no Brasil, com várias iniciativas dedicadas a aprimorar o sistema educacional. Dentre essas ações, destacamos o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada, que mobiliza estados e municípios em uma colaboração focada na promoção da alfabetização.

Além disso, as propostas de mudanças no Novo Ensino Médio e o Programa de Escolas em Tempo Integral são algumas peças-chave para o avanço educacional. Para assegurar o êxito dessas iniciativas, é imperativo integrar políticas públicas, envolver ativamente a comunidade escolar, alocar recursos adequados e proporcionar oportunidades contínuas de desenvolvimento para os educadores.

Também é preciso usar os investimentos adequadamente, garantir uma boa formação para os professores e promover a educação integral. Assegurar a implementação efetiva da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como um guia essencial para o ensino e currículos no país também é fundamental.

A constante avaliação e ajustes, respaldados por evidências, desempenham um papel vital na eficácia dessas iniciativas. Buscar uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade para todos os brasileiros é uma missão coletiva que requer compromisso contínuo e cooperação entre os diversos agentes educacionais.

O PAPEL DA TECNOLOGIA NA EVOLUÇÃO EDUCACIONAL BRASILEIRA:

O número de escolas com acesso à internet aumentou durante a pandemia. Em 2021, 98% das escolas em áreas urbanas tinham conexão à Internet, e em 2022 a porcentagem foi de 99% em áreas urbanas, 93% nas áreas rurais e 99% em escolas particulares. Apesar disso, os estudantes enfrentaram dificuldades para se conectarem em suas casas para realizar as atividades escolares: segundo pesquisa, 80% das famílias brasileiras relataram problemas de infraestrutura para os estudantes acompanharem aulas online, como a falta de internet ou dificuldades no acesso a plataformas digitais.

Ao mesmo tempo, o uso da tecnologia nas escolas brasileiras tem aumentado significativamente com a implementação de dispositivos eletrônicos, softwares educacionais e recursos online. Em muitos casos, plataformas online oferecem oportunidades para a formação continuada de professores, contribuindo diretamente para o aprimoramento da qualidade do ensino.

É relevante destacar que a tecnologia também tem sido uma aliada na personalização da aprendizagem, permitindo adaptações curriculares com base nas necessidades individuais dos alunos. Ferramentas de avaliação e análise de dados fornecem insights detalhados sobre o desempenho dos estudantes, possibilitando intervenções específicas para melhorar o aprendizado.

Entretanto, é importante ressaltar que a tecnologia deve servir como um complemento à aprendizagem, e não ser a única ferramenta. A interação humana na educação é fundamental para os alunos desenvolverem suas capacidades socioemocionais, saibam conviver com o outro e trabalhar em equipe. Além disso, oferecer recursos tecnológicos em sala de aula não é garantia de qualidade da educação, ainda que uma ferramenta relevante para ampliar o interesse dos alunos na escola.

CONCLUSÃO SOBRE O TEMA EDUCAÇÃO BRASILEIRA:

Decerto, o cenário educacional brasileiro enfrenta desafios significativos, desde questões estruturais até a adaptação às transformações socioculturais.

Para uma compreensão completa, é necessário considerar aspectos, como a adequada alocação de recursos financeiros. Bem como a eficaz capacitação dos docentes, a promoção da inclusão social e a integração apropriada da tecnologia na esfera educativa.

A abordagem dessas complexidades requer a colaboração de diversos setores da sociedade, visando aprimorar a qualidade da educação. E, dessa forma, torná-la uma ferramenta efetiva para o desenvolvimento integral dos cidadãos e do progresso contínuo do país.

LITERATURA & ARTE

– Resenha Literária –

A bagaceira, de José Américo de Almeida

por *Fernanda Aparecida Ribeiro*



O livro *A BAGACEIRA*, publicado em 1928, é a obra introdutora do romance regionalista no país. A colisão dos meios pronunciava-se no contato das migrações periódicas. Os sertanejos eram mal-vistos nos brejos. E o nome de brejeiro cruelmente pejorativo.

O enredo do romance trata das questões do êxodo, os horrores gerados pela seca, além da visão brutal e autoritária do senhor de engenho, representando a velha oligarquia. *A Bagaceira* tem intenção crítica social, descambando, às vezes, para o

panfletário, para o enfático e dema-gógico. Para o autor, o romance procura confrontar, em termos de relações humanas e de contrastes sociais, o homem do sertão e o homem do brejo (dos engenhos). Aproximando o sertanejo do brejeiro, na paisagem nordestina, José Américo de Almeida condiciona os elementos dramáticos aos ciclos periódicos da seca, os quais delimitam a própria existência do sertanejo.

Sob iluminação diferente, são postos em confronto, em *A Bagaceira*, os nordestinos do brejo e os do sertão. Brejeiros e sertanejos, submissão e liberdade, eram examinados com uma visão realista. Se bem que, no registro das virtudes sertanejas possa notar-se, vez por outra, certo favorecimento (não intencional).

O título desse romance denomina o local em que se juntam, no engenho, os bagaços da cana. Figuradamente, pode indicar um objeto sem importância, ou ainda, "gente miserável". Todos esses significados se podem mobilizar no entendimento de *A Bagaceira*, romance de ardor e violência, desavenças familiares, flagelações da seca.

O autor que, antes, estreada vitoriosamente no ensaio, deixa transparecer aprofundado conhecimento do ambiente e do homem paraibano, anotando pormenores, acentuando os traços mais definidores, integrado na paisagem e na estrutura social cheia de injustiças.

O tempo é entre 1898 e 1915, os dois períodos de seca. Tangidos pelo sol implacável, Valentim Pereira, sua filha Soledade e o afilhado Pirunga abandonam a fazenda do Bondó, na zona do sertão. Vão para as regiões dos engenhos, no rejeo, onde encontram acolhida no engenho Marzagão, de propriedade de Dagoberto Marçal, cuja mulher falecera por ocasião do nascimento do único filho, Lúcio. Passando as férias no engenho, Lúcio conhece Soledade por quem se apaixona. Lúcio retorna à academia e quando retorna em férias para a companhia do pai, toma conhecimento de que Valentim Pereira se encontra preso por ter assassinado o feitor Manuel Broca, suposto sedutor e amante de Soledade. Lúcio, já advogado, resolve defender Valentim e informa o pai de sua intenção de casar-se com Soledade. Dagoberto não aceita a decisão do filho. E então tudo é esclarecido: Soledade é prima de Lúcio, e Dagoberto foi quem realmente a seduziu. Pirunga, tomando conhecimento dos fatos, comunica ao padrinho (Valentim) e este lhe pede, sob juramento, velar pelo senhor do engenho (Dagoberto), até que ele possa executar o seu "dever": matar o verdadeiro sedutor de sua

filha. Em seguida, Soledade e Dagoberto, acompanhados por Pirunga, deixam o engenho e se dirigem para a fazenda do Bondó. Cavalgando pelos tabuleiros da fazenda, Pirunga provoca a morte do senhor do engenho Marzagão, herdado por Lúcio, com a morte do pai. Em 1915, por outro período de seca, Soledade, já com a beleza destruída pelo tempo, vai ao encontro de Lúcio, para lhe entregar o filho, fruto do seu amor com Dagoberto.

O relato abre o ciclo do romance de 1930, entre outras razões por sua força de denúncia dos horrores gerados pela seca.

É digno de nota o prefácio que vale tanto ou mais do que próprio texto narrativo. Destaque para o espanto do escritor face às mazelas: "Há uma miséria maior do que morrer de fome no deserto: é não ter o que comer na terra de Canaã."

Na narrativa há um choque de três visões que correspondem a três processos sócio-culturais distintos:

- 1) Visão rústica dos sertanejos, com seu sentido ético arcaico,
- 2) Visão brutal e autoritária do senhor de engenho, representando a velha oligarquia,
- 3) Visão civilizada (moderna, urbana) de Lúcio, traduzindo um novo comportamento de fundo burguês e que logo seria autorizado pela Revolução de 30.

É importante destacar ainda o projeto modernizador do personagem Lúcio ao assumir o comando do engenho: alfabetização dos filhos dos trabalhadores, melhores condições de habitação, etc. Ou seja, aquilo que Getúlio Vargas proporia nos anos seguintes como alternativa para o país.

O livro apresenta uma mistura de linguagem tradicional - dominada por um tom desagradavelmente sentencioso - com um gosto modernista por elipses e imagens soltas, e ainda pelo uso de algumas expressões coloquiais ou regionais. Na obra a linguagem do narrador faz esforço para não se afastar em demasia da dos personagens, dialetal, folclórica.

Fora sua notável importância histórica, *A BAGACEIRA* é um romance frustrado por causa do excesso de análise sociológica. É como se a ânsia do autor em tudo explicar destruísse todo e qualquer efeito sugestivo da narrativa. Fonte: www.passeiweb.com



NOTÍCIAS DA APLAC

APLAC, CRE e Grupo Fé e Vida promovem RODA DE CONVERSA com o escritor Marcelo Barros

RODA DE CONVERSA

- Com MARCELO BARROS -



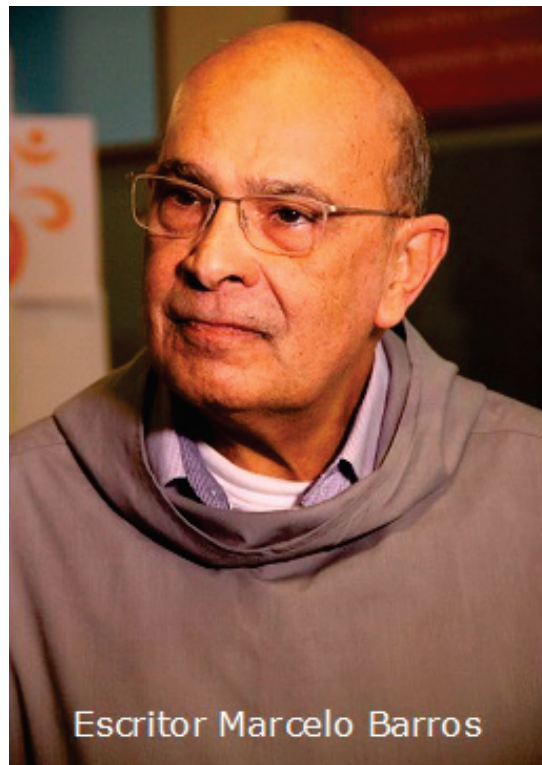
Abrindo a temporada de novos projetos, a Academia Planaltinense de Letras, Artes e Ciências (APLAC), em parceria com o **Grupo Fé e Vida** e a Coordenação Regional de Ensino de Planaltina (CREP), promoverá uma RODA DE CONVERSA com o escritor Marcelo Barros, a ser realizada na manhã do próximo dia 09/04 (quarta-feira), na Biblioteca Escolar-Comunitária Monteiro Lobato (BECML), em Planaltina-DF.

Embora tenha nascido em Recife-PE, o monge beneditino e escritor Marcelo Barros é um "cidadão goiano"; e é conhecido, em todo o continente latino-americano, como um dos estudiosos que ajudam as Igrejas a desenvolverem uma reflexão teológica sobre sua missão de solidariedade e inserção junto aos lavradores e sem-terra, como também desenvolve uma teologia sobre uma concepção do cristianismo aberta às outras religiões. Constantemente, tem sido convidado por diversos países para falar sobre Ecologia e Espiritualidade Holística. Diante disso, o seu livro "*O Espírito vem pelas águas: como enfrentar a crise mundial da água através de uma espiritualidade ecumênica*" foi traduzido para o espanhol, o alemão e o flamengo.

Há anos, Marcelo Barros desenvolve uma pesquisa teológica sobre a relação do Cristianismo com as religiões de matriz africanas e indígenas e, junto com mais dois teólogos, coordenou uma coleção sobre a *Teologia do Pluralismo Religioso* e um Cristianismo aberto a outras culturas e religiões. No âmbito da Teologia da Libertação, desenvolveu um ramo próprio: a "Teologia da Terra".

Em 2002, quando morou em Goiás, a Câmara Municipal da Cidade de Goiás lhe concedeu o título de cidadão de honra de Goiás. Três anos depois, receberia o título de cidadão honorário de Goiânia; e em 2012, quando foi convidado para falar em Cezenna, no norte da Itália, recebeu a comenda A CRUZ DA PAZ pelo seu trabalho no plano do diálogo entre as religiões para a Paz. Mas dentre todas as homenagens recebidas, ele afirma que a que mais lhe toca até hoje foi o prêmio que a direção nacional do MST lhe deu, em 2014: "Amigo dos Lavradores sem Terra".

Dentre seus trabalhos literários, destacam-se *A noite do Maracá* (romance), *Vagalumes na escuridão* (romance), *O*



Escritor Marcelo Barros

monge e o pastor: diálogos para um mundo melhor (obra em coautoria com o pastor Henrique Vieira); *O sonho da paz, A festa do pastor* (romance sobre pentecostalismo e cultura negra), *Para onde vai Nuestra América: Espiritualidade socialista para o século XXI* e *O amor fecunda o Universo: Ecologia e espiritualidade*. Marcelo Barros é, também, colaborador assíduo de alguns periódicos, tais como revistas brasileiras e de outros países, na América Latina e na Europa. Semanalmente, publica um artigo sobre "espiritualidade ecumênica e desafios da vida", editado pelo jornal "O Popular", por um jornal de Caracas (Correo del Orinoco) e um de San Juan de Puerto Rico (Claridad), além de estar presente nas redes sociais por meio do Blog marcelobarros.com.

A proposta é que o evento seja informal, leve e acolhedor; e que na RODA DE CONVERSA com Marcelo Barros ocorra uma partilha de experiências no ato de escrever e no como superar os obstáculos encontrados na hora de publicar e comercializar esses escritos nos dias atuais. Acredita-se que tanto o escritor Marcelo Barros quanto os demais participantes do encontro possam contar um pouco sobre os caminhos percorridos na escolha do que e para quem escrever, em quais meios divulgar e qual a repercussão de seus escritos.

O evento será aberto ao público e a entrada será gratuita.



☎ 3389-5076 / 3389-7228